



Recebido em 15/02/2021

Aceito em 11/06/2021

DOI: 10.26512/emtempos.v1i38.36507

NOTAS DE PESQUISA

O racismo recreativo nas crônicas de Philadelpho Pereira das Neves no Alagoinhas Jornal (1957-1970)¹

Recreational racism in the chronicles of
Philadelpho Neves in Alagoinhas Jornal (1957-1970)

Caliel Alves dos Santos

Graduando em História na Universidade do Estado da Bahia

orcid.org/0000-0002-0690-492X

caliel_alves@hotmail.com

RESUMO: Baseado nos conceitos de representação e de racismo recreativo, analisamos as crônicas jornalísticas de Philadelpho Pereira das Neves no *Alagoinhas Jornal* das décadas de 1950 a 1970. Compreendemos como esses textos atribuíram sentidos, valores e hierarquias aos grupos étnico-raciais e subalternos como os negros, pardos e indígenas. Avaliamos como essas imagens criaram memória visual e como podem ter interferido nas suas noções identitárias. Para isso, fizemos uma análise crítica das crônicas, verificando as suas adjetivações, o uso de metáforas, as analogias e outras figuras de linguagem que criaram imagens dos sujeitos históricos, e como elas atuam na percepção dos indivíduos e grupos sociais alagoinhenses. Foi utilizada revisão bibliográfica disponível em português para discussão da importância da fonte impressa para os estudos realizados nesse artigo.

PALAVRAS-CHAVES: Imprensa. Negros. Racismo.

ABSTRACT: Through the concept of representation and recreational racism, we analyze the journalistic chronicles of Philadelpho Pereira das Neves in *Alagoinhas Jornal* from the 1950s to the 1970s. We understand how these texts attributed meanings, values and hierarchies to ethnic-racial and subaltern groups such as blacks, browns and indigenous people. We evaluated how these images created visual memory and how they may have interfered with their identity notions. For this, we made a critical analysis of the chronicles, checking their adjectives, use of metaphors, analogies and other figures of speech that created images of historical subjects and how they act in the perception of individuals and social groups from Alagoas. A bibliographic review available in Portuguese was used to discuss the importance of the printed source for the studies carried out in this article.

KEYWORDS: Press. Black. Racism.

¹ Esse texto visa dar ciência a pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa AFIRMATIVA de Pesquisa e Extensão do ano de 2019-2020, com financiamento e coordenação da Pró-Reitoria de Ações Afirmativas (PROAF), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II – Alagoinhas. Sendo um desdobramento do relatório final As representações dos negros no Alagoinhas Jornal (1957-1970), apresentado no III Encontro Afirmativa: 18 anos de cotas na UNEB, tendo como orientadora a prof.^a Dr.^a Mariléia Oliveira Santos.

Introdução

A imprensa teve um relevante papel na história de toda a humanidade. A capacidade de produzir e registrar a informação instantânea foi um grande avanço nas comunicações. Com ela, foi possível novas formas de expressão e valoração de ideias, conhecimento e formação de grupos políticos. Conceber a publicação de jornais e revistas sem levar em consideração o seu papel sociopolítico seria diminuir a sua relevância histórica.

Os periódicos ganharam a sua própria história no século XX, além de ser possível usá-los como fonte secundária ou primária para compreender aspectos sócio-históricos. O jornal, sendo parcial por natureza, expressa valores de classes, de grupos étnico-raciais, de sexo e identidade sexual, ideologias, projetos políticos etc. Logo, é uma fonte útil para pensar os lugares sociais dos diversos grupos, sua mentalidade, suas representações culturais, sua noção de história e muitas outras questões por meio das páginas dos impressos.

Nesse texto, nós iremos focar nas crônicas escritas pelo político e militar Philadelpho Pereira das Neves, no *Alagoinhas Jornal* entre as décadas de 1950 e 1970. Dois conceitos nortearam as nossas análises e discussões: o racismo recreativo e a representação. Por meio do estudo das representações presentes em seus textos publicados no citado impresso, compreendemos como essas imagens têm a capacidade de criar memórias visuais de grupos étnico-raciais.

Elucidamos relações de poder baseados no uso da imprensa para atribuir imagens a grupos subalternos e marginalizados pela sociedade, como negros, pardos e indígenas. Tal escolha contribui com futuras pesquisas a serem desenvolvidas e oferece retorno à sociedade por meio de artigo o investimento público em programas de pesquisa e extensão, voltadas a discentes cotistas nas universidades públicas.

O artigo foi escrito tendo como base uma seleção de páginas do impresso *Alagoinhas Jornal*. Essa coleta de fontes havia sido realizada por outros historiadores para estudo dos aspectos políticos da cidade de Alagoinhas, e a prof.^a Dr.^a Eliana Evangelista Batista nos cedeu gentilmente o referido acervo para que realizássemos a pesquisa. Às edições completas não puderam ser acessadas, pois, estão sob guarda da Fundação Iraci Gama (FIGAM), que infelizmente permanece fechada por tempo indeterminado, devido a problemas de gestão. A instituição também não possui acervo digitalizado e disponível para acesso remoto.

Isso não impediu a feitura do texto no seu todo. Grande parte da seleção possui as crônicas que desejávamos analisar, e graças a elas, pudemos traçar as representações e o racismo recreativo contido nelas. O jornal se mostrou uma ótima fonte para verificar representações direcionadas a grupos subalternizados e estabelecer a função social e política que os veículos de imprensa possuem.

O jornal como fonte historiográfica

Os mais variados tipos de impressos foram vistos com muita reticência pelos historiadores de ofício antes do início do século XX. Apesar de os jornais e as revistas

serem produtos das relações humanas, acabaram sendo rejeitados pelos profissionais da área durante longo período. De modo tímido, alguns historiadores da política se utilizavam da imprensa, mas de maneira pragmática e narrativista.

Isso se acentuou com o *paradigma annalista*. Na década de 30, baseado nas teses de Marc Bloch e Lucien Febvre, inspirados pelas críticas de François Simiand, os historiadores deveriam abdicar dos ídolos da tribo dos historiadores, a saber, o “cronológico”, o “individual” e o “político” (BOURDÉ & MARTIN, 1983). O primeiro impedia a noção de múltiplas temporalidades ou a sincronicidade, o segundo invalidava análises estruturais, e o último, acabou relegando questões socioeconômicas e culturais ao esquecimento.

Os jornais e sua inclinação ao acontecimental gerou resistência aos historiadores influenciado pelos *Annales*. Os historiadores franceses acabaram criando hierarquias através de suas concepções teórico-metodológicas. O próprio historiador francês Marc Ferro já tratou da relação entre a legitimidade e hierarquia das fontes historiográficas e a sociedade que as produziu,

Ora, no início do século XX essa hierarquia reflete as relações de poder: à frente do cortejo vão, prestigiosos, os Arquivos do Estado, com manuscritos ou impressos, documentos únicos, expressão de seu poder, do poder das Casas, parlamentos e tribunais de contas. Em seguida vem a legião de impressos que não são secretos: inicialmente textos jurídicos e legislativos, expressão de poder, e a seguir *jornais* e publicações que não emanam somente dele, mas da sociedade inteira. As biografias, as fontes da história local, os relatos de viajantes formam a parte de trás do cortejo [...]. *A História é compreendida do ponto de vista daqueles que se encarregaram da sociedade*: homens de Estado, magistrados, diplomatas, empreendedores e administradores (FERRO, 1992, p. 82).

Vemos aqui que os jornais ocupavam importância intermediária na historiografia do final do século XIX e do início do século XX, e que o uso das fontes depende do arranjo social. O trabalho do historiador é influenciado pela época em que produz sua pesquisa. Outro quesito de resistência por parte dos historiadores annalistas foi o elemento “parcialidade”. Era como se o jornal fosse a única fonte que fosse atravessada de interesses de classes.

Isso criou uma falsa noção de que outras fontes eram expressões objetivas da realidade. No entanto, a própria fonte inexistente *a priori*, necessitando sempre de crítica externa e interna para que venha a existir. Um documento por si só nada nos diz senão após ser interrogado. Nenhum deles, seja lá qual foi o método utilizado, pode expressar de maneira total um período histórico.

Encarar as fontes dessa forma nos levará novamente ao pensamento metódico ou positivista. As fontes não falam por si mesmas, falam enquanto vestígios de um passado, que só após reunidos e criticados, expressam a reconstituição de um evento, uma instituição ou uma estrutura. Nenhuma fonte detém uma verdade absoluta; se pendermos para esse lado, criaremos uma reprodução acontecimental e nos desviaremos de uma história-problema.

O uso dos periódicos de maneira prolífica só se daria a partir da década de 1970. A história passou por uma virada epistemológica, incluindo “novos problemas”, “novos objetos” e “novas abordagens” ao campo de pesquisa (Op. cit., 1983, p. 146 et seq.). Os jornais e as revistas passaram a ser usados em pesquisas historiográficas. A imprensa ganhou sua própria história, além de ser possível usá-la como fonte secundária ou primária para compreender aspectos sócio-históricos.

O poder da representação na imprensa brasileira

Uma das melhores formas de captar a participação de grupos subalternizados na imprensa é através do estudo das suas representações imagéticas e textuais. O conceito de representação foi apropriado por historiadores, trazendo novas abordagens por meio da Nova História Cultural (NHC). Os pesquisadores acabaram revelando novas facetas do processo histórico graças a isso.

Representação foi um empréstimo conceitual tomado da Sociologia. Émile Durkheim foi um dos seus percussores, pois, “[...] introduziu no alvorecer do século XX as expressões ‘representações individuais’ e ‘representações coletivas’ ao transplantar o foco das suas análises para a vida social e dialogar com a Psicologia” (OLIVEIRA, 2019, p. 89).

Outro grande pensador acerca da representação foi o sociólogo jamaicano Stuart Hall. Em seu livro *Cultura e representação*, o autor faz uma história do conceito, além de seus usos e abusos na cultura. Parte do livro se dedica a questão das representações e da alteridade. Outro fator de interesse na obra é a relação entre o processo de racialização do Outro e de suas representações (HALL, 2016).

Os historiadores que mais trabalham com o conceito são os da NHC. Esses profissionais de História buscam fugir das análises estruturalistas e se voltam para as sensibilidades, o hábito, os costumes e outras relações socioculturais. Um dos maiores representantes dessa forma de produção historiográfica é o francês Roger Chartier, dedicando todo um livro ao tema (CHARTIER, 2002).

No Brasil, os estudos das representações encontram largo uso nos trabalhos de Sandra Jatahy Pesavento. Em seu livro *História & história cultural*, ela assim define a representação, “[...] representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença” (PESAVENTO, 2012, p. 21).

Sempre que há representação, o sujeito (indivíduo ou grupo social) é substituído por um objeto (imagem concreta ou abstrata). É a atribuição de sentido, valor e hierarquia através das imagens. Isso é feito através da cor, da proporção, da instalação da imagem, do tipo de suporte material etc. A imagem comunica sem nada precisar dizer ou escrever, criando memória visual baseado no jogo da ausência/presença.

O sistema de representação é o modo pelo qual a imagem ganha a função de atribuir sentidos e valorações à realidade social. Só os seres humanos são capazes de produzir imagens de si mesmos. No entanto, elas não são neutras e se inscrevem na

luta sócio-política e violência simbólica. A representação constrói espaços de atuação para os indivíduos e grupos sociais.

O ato de representar depende da capacidade de produção e expressão de linguagem, motivo pelo qual só as elites são capazes de gerar representações hegemônicas. Elas podem interferir na construção da identidade e da ação política, como o exemplo dos negros e de outros grupos subalternos quando são representados como marginais ou naturalmente propensos à violência.

O estudo das representações de negros, pardos e indígenas através da imprensa nos possibilitou reconhecer a memória visual e noções identitárias que o periódico *Alagoinhas Jornal* criou. Sua expressão e veiculação estão inscritos no espaço do debate sócio-político. A atribuição de espaços socioculturais das representações contidas no racismo recreativo das crônicas, revelam sentidos e valores que circulam na sociedade brasileira.

A artilharia discursiva do Alagoinhas Jornal (1957-1970)

Na década de 1950, dois irmãos decidiram fundar um periódico na cidade de Alagoinhas, o dentista Walter Altamirano Robatto Campos e o médico mastologista Waldo José Robatto Campos. Ambos eram filhos de Altamirano Cerqueira Campos, rico comerciante alagoinhense que havia sido intendente (1945-1947) pelo Partido Progressista (PP) e ocupado cargo de vereador em pleitos seguintes. Fora também presidente do Partido Social Progressista (PSP), pelo qual Walter Campos foi vereador.

Walter Campos havia se formado na Faculdade de Medicina da Bahia em 1951. Atendeu vasta clientela, pacientes regulares, da Previdência Social e no Sindicato Rural de Alagoinhas. Além disso, foi diretor do Colégio Cenegista Alcindo de Camargo. Uma das suas grandes paixões era o futebol, sendo presidente da Liga Desportiva de Alagoinhas e de alguns times de futebol, incluindo o Atlético de Alagoinhas.

Para além da prática desportiva, “durante uma década, de 1956 a 1966, ocupou a presidência da Acra – Associação Cultural e Recreativa de Alagoinhas, cuja sede própria, na rua Marechal Deodoro, foi construída em uma de suas administrações” (DEUSDETE, 2020). Na esfera política, ele exerceu dois mandatos como vereador entre os anos de 1963 e 1971. No triênio de 1971-1973, foi secretário municipal de Saúde. No pleito de 1977, tornou-se vereador. No ano de 1982, ele tentou a prefeitura municipal pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), perdendo para Judélio de Souza Carmo, do Partido Democrático Social (PDS) (Ibid., 2020).

O jornal fundado pelos dois irmãos era de feição local, e tinha clara pretensão a angariar espaço político, pois,

O periódico usava como subtítulo *A Artilharia do Pensamento Alagoinhense*. Isso já definia muito da sua linha editorial e atuação do impresso. Era mais que um órgão informativo, um canal de discussão política de oposição aos Chefes do Executivo Municipal e seus apoiadores. O jornal tem expressão conservadora (SANTOS & SANTOS, 2020, p. 2).

Com sua publicação primeira publicação ocorrendo em 21 de outubro de 1957, o *Alagoinhas Jornal* iniciava sua função de colocar os irmãos Robatto Campos no cenário político e apresentá-los como alternativa viável no município. O editorial *A artilharia do pensamento alagoinhense* expressava um sentido combativo, visto que, artilharia remete à batalha, ao belicismo e à guerra (SANTOS, 2003, p. 12). O periódico era publicado mensalmente e se dedicava a fazer oposição política aos grupos políticos da situação.

O perfil das suas publicações era de cunho conservador, liberal, anticomunista, anti-integralista, pró-militar e contra as reformas de João Goulart. Além dos textos produzidos pelos irmãos Walter e Waldo Campos, havia diversos colaboradores e redatores. Assim estava dividido parte da equipe do impresso, “[...] as matérias esportivas ficavam sob os cuidados de Heraldo Aragão; Héckel Meyer era um dos colunistas que mais colaboravam no jornal; e nas crônicas Estas... E... Outras estava Philadelpho Neves” (Op. cit., 2020, p. 3).

O racismo recreativo e suas representações

É sobre as crônicas de Philadelpho Neves que buscaremos identificar e analisar o seu racismo recreativo e as representações nele contidas. O cronista era Tenente-Coronel da Polícia Militar do Estado da Bahia. Na década de 1940, foi Delegado Especial de Alagoinhas e realizou investigações sobre o Partido Comunista Brasileiro (PCB) na cidade. Foi um momento de repressão contra o partido que já angariava certo capital político na urbe.²

É perceptível o teor racista do seu humor ácido em relação as minorias étnico-raciais. Os textos, sempre jocosos, atingem como alvo preferenciais aqueles que não se coadunam com as ideias propagadas pelo jornal, como a família tradicional cristã, o nacionalismo e o livre mercado. São vários os textos onde seu caráter conservador e discriminatório se expõe de maneira clara.

É a expressão localizada de um racismo estrutural, ou seja, uma relação-norma que a sociedade brasileira desenvolveu para tratar negros, pardos e indígenas. Ela pressupõe lugares de subalternidade, subordinação e inferioridade moral, estética e cognitiva para todos os não-brancos. Isso se manifesta nas relações econômicas, sociais, culturais e políticas (ALMEIDA, 2019).

O humor não estaria incólume de relações discriminatórias, pois toda a nossa sociedade é perpassada e influenciada por questões raciais. O racismo recreativo foi um termo cunhado pelo jurista Adilson Moreira (MOREIRA, 2019) em livro homônimo, e pode ser definido como,

² “Datado de 07 de agosto de 1948, chegava ao Palácio da Aclamação, em Salvador, um telegrama enviado pela Câmara Municipal de Alagoinhas. O documento informava aos deputados estaduais da aprovação de uma moção que havia sido proposta pelo vereador alagoinhense Francisco Batista, defendendo a ação repressiva contra o Partido Comunista, comandada pelo Tenente-Coronel da Polícia Militar do Estado da Bahia e Delegado Especial de Alagoinhas, Philadelpho Pereira das Neves”. Cf. (SOARES, 2013).

[...] forma de reprodução do racismo através do humor, atribuindo aos negros e negras [, pardos e indígenas] lugares de subordinação, inadequação social, inferioridade moral e estética, ao mesmo tempo em que concede aos brancos uma satisfação psicológica e “superioridade”. Ironiza-se o que é considerado inferior, para taxar algo ou alguém como um fator socionegativo, ridicularizar (Op. cit., 2020, p. 6).

O conceito e sua abordagem foi um grande ganho para a pesquisa das representações de minorias e grupos subalternos, revelando contradições do nosso país e se contrapõe à “democracia racial”. Essa pretensa democracia seria uma idealização ou até mesmo um modo de atribuir ao Brasil a imagem de uma sociedade “pós-racial”, ou seja, uma sociedade sem divisões, preconceitos ou discriminação étnico-racial.

Quando nem expressões culturais como o humor escapam de manifestar essa forma de violência chamada racismo, acabamos vivenciando um período histórico em que tais pesquisas se tornam uma necessidade cada dia mais urgente. Ao estudar as crônicas de Philadelpho Neves, descobrimos determinadas representações que atribuem lugares de inferiorização moral, estética e mental aos subalternizados.

Em um dos textos, o cronista se volta para o jogador de futebol Garrincha.³ Famoso tanto em campo por seu talento, e fora dele por sua vida cheia de escândalos, ele se torna um alvo preferencial do jornalista. Atacando a imagem de Garrincha, o jornalista pode camuflar seus preconceitos em humor, ao mesmo tempo em que atinge um homem de ascendência negra em destaque na sociedade, o que acaba criando uma imagem homogeneizadora de homens negros e pardos.

A vida pessoal do jogador é exposta, nem sua esposa e filhas são poupadas,

Garrincha, o craque de futebol [sic], abandonou sua legítima esposa e as sete filhas do casal, para juntar-se á [sic] cantora Elsa Soares, que está fazendo seu Manoel exigir 10 milhões, para continuar no Botafogo, que acaba de perder uma partida para o Santos, precisamente pela ausência do grande jogador.

A esposa de Garrincha, escreveu do proprio [sic] punho à Elsa, pedindo que solte o homem, pois os sete garrinchinhas estão com saudade do pai... (*Alagoinhas Jornal*, abr. 1963, paginação indisponível).

O texto apresenta vários tópicos a ser analisado. O primeiro é a imagem de família disfuncional representada aqui. A vida desregrada de Garrincha, o conflito de interesses entre a sua amante e esposa seriam uma demonstração de um desvio em relação a família tradicional cristã binária. Isso se configura no apelo que a “legítima

³ Manoel Francisco dos Santos, também chamado de “Mané”, nasceu em Pau Grande, Rio de Janeiro, numa família humilde, tendo 15 irmãos. Foi apelidado de Garrincha porque desde a infância gostava de caçar pássaros com o estilingue. Em sua cidade natal, havia uma fábrica inglesa, e na adolescência trabalhou lá, algum tempo depois passou a treinar nas dependências do clube Pau Grande Esporte Clube, do time de futebol mantido pelos donos da fábrica. Não conseguindo uma vaga, decidiu se registrar no time Serrano, da cidade de Petrópolis. Jogou um ano, regressou para o time de Pau Grande. Tentou jogar nos times da capital, mas devido suas pernas tortas, foi descartado como jogador e só conseguiu um espaço no futebol carioca através do Botafogo, onde jogou longos anos. Foi casado com Nair, com quem teve sete filhas, foi amante de Elza Soares e Vanderléa. Teve ao todo 13 filhos. Ver por exemplo, *GARRINCHA*, < <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/garrincha-1510> >, acesso 16 jun. 2020, às 08:58 horas.

esposa” faz à amante. É como se àquela tivesse que pedir permissão à esta outra para que Garrincha esteja livre.

A segunda questão a ser observada é a emasculação simbólica do botafoguense. Um homem que não têm as rédeas de sua vida profissional e amorosa, pois a sua amante o estaria fazendo “chantagear” seu time para receber mais. A outra amostra disso é que a sua esposa não pede para que ele volte, mas pede a Elza Soares que o deixe ir. Um homem sem poder de decisão.

Apesar de o autor da crônica dizer que Garrincha tinha sete filhas com sua esposa, no fim do texto ele os trata como “os sete garrinchinhas”. Num primeiro momento, parece uma referência ao jogador. Mas Garrincha é apenas o seu apelido, seu nome completo é Manoel Francisco dos Santos. Somado isso ao sexo das suas filhas, podemos dizer que Philadelpho Neves comparou as moças à garrincha, pássaro de pernas longas e finas, geralmente associado às pessoas raquíticas ou famélicas.

Em outra crônica, Garrincha é mais uma vez alvo do racismo recreativo. Dessa vez, ele ironiza problemas de saúde do jogador:

Tiraram os meniscos de Garrincha! O fato sensacionou [sic] o país e o estrangeiro. A operação foi fotografada, filmada e televisionada. Elza Soares chorou. O médico não cobrou seu trabalho e agora quando ele passar na rua, as crianças o apontarão e dirão: olha mãe, o homem que tirou os meniscos!!! (*Alagoinhas Jornal*, out. 1964. Paginação indisponível).

O cronista demonstra não ter empatia pelo jogador, como se o corpo negro fosse menos propenso a sentir dores. Os meniscos produziam dores crônicas no jogador, agravadas ao longo da carreira. O único tratamento viável era uma cirurgia, o que diferente da crônica, não era algo simples e sem riscos. Problemas ósseos podem gerar a necessidade de procedimentos invasivos. Para um jogador de futebol, toda cirurgia nas pernas é um risco. Sem elas, é impossível jogar, além disso, é um esporte de alto rendimento que exige muito dos seus atletas.

Outro alvo do racismo recreativo demonstrado aqui se refere aos povos nativos do Brasil. Segundo o autor, trata-se de conflitos oriundos de povos indígenas entre o Pará e Mato Grosso, que ainda estariam cultivando um estilo de vida “incivilizado”,

Notícias das fronteiras do Pará com o Mato-Grosso [sic] informaram que os índios Kraimakóro, deixaram o seu *habitat* na Serra do Cachimbo e se lançaram ao ataque de outra tribo [sic], esta já pacificada, o que não acontece com àqueles, havendo mortes de parte a parte. Os Kraimakóro são agigantados, ferocíssimos e... antropófagos. Comem as suas vítimas em mólho [sic] de mel de abêlha [sic]. Os atacantes afirmam, por já serem civilizados [sic], que a iguaria é mais apetitosa, com sal... (*Alagoinhas Jornal*, abr. 1965, paginação indisponível).

A crônica nos lembra os relatos dos colonizadores durante a América Portuguesa. É uma reunião de estereotípias. O indígena é posto no espaço da selvageria e da “consciência primitiva”. São representados aqui deslocados do restante do Brasil, pois, ainda guardam o hábito da antropofagia, um dos clichês destinados a esse grupo étnico-racial. São deformados, pois sua estatura é “agigantada” e brutos, visto que são “ferocíssimos”.

Considerações finais

A imprensa se tornou uma importante fonte para os historiadores. Jornais e revistas têm uma função social e política, além de expressarem os valores de sua época. É possível estudá-los nas mais diversas formas, através de suas imagens e textos, numa perspectiva qualitativa, quantitativa ou serial. Incorporar tais documentos aumentará não só o rol das fontes historiográficas, mas a inclusão de novos temas e abordagens.

Uma das características dos periódicos é a sua parcialidade. Essas fontes não falam por si mesmas, falam enquanto vestígios de um passado, que só após reunidos e criticados, expressam a reconstituição de um evento, uma instituição ou uma estrutura. Um documento por si só nada nos diz senão após ser interrogado. Nenhum deles, seja lá qual for o método utilizado, pode expressar de maneira total um período histórico. Se pensarmos de modo diferente, criaremos uma reprodução acontecimental e nos desviaremos de uma história-problema.

Seja como fonte secundária, primária ou oferecendo categorias de análise para as pesquisas, o historiador poderá encontrar formas de fazer com que grupos subalternizados e minorias étnico-raciais sejam reconduzidos ao lugar de agentes históricos. Uma dessas formas é o estudo das representações. O conceito nos ajuda a perceber como os sistemas de representação nos legam valores, hierarquias e sentidos.

Ao entender como esses indivíduos são representados em imagens concretas e abstratas, temos noção do espaço social e político em que são lançados. As crônicas de Philadelpho Neves, no *Alagoinhas Jornal (1957-1970)*, criaram imagens de inferiorização de homens e mulheres negras, pardos e indígenas através do racismo recreativo.

O humor camuflou os seus preconceitos, deixando implícito o ideal de superioridade branca sobre o restante da população brasileira. Ao apresentar grupos subalternizados como motivo de piada e escárnio social, o autor mantém a imagem de elevação moral, estética e social do seu grupo étnico-racial. Os outros são seres socialmente inadequados, o que acabou legitimando seus preconceitos e suas discriminações direcionados a essas pessoas ao longo da história.

Referências

Alagoinhas Jornal, abr. 1963.

Alagoinhas Jornal, out. 1964.

Alagoinhas Jornal, abr. 1965.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As escolas históricas*. Portugal: Publicações Europa América, 1983.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Portugal: DIFEL – Difusão Editorial, 2002.

FERRO, Marc. *O filme: uma contra-análise da sociedade*. In: Cinema e História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 79-115.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.

MOREIRA, Adilson. *Racismo recreativo*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

OLIVEIRA, Caio Pinheiro. *Representações sobre a escravidão nos livros didáticos: o que mudou transcorridos dez anos da Lei 10.639/03?*. Orientadora: Celeste Maria Pacheco de Andrade. 122 f. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em História) – UNEB, Campus II, Alagoinhas, 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SANTOS, C. A.; SANTOS, M. O. *As representações dos negros no Alagoinhas Jornal (1957-1970)*. III Encontro de Ação Afirmativa: 18 anos de cotas na UNEB, Por mediação tecnológica – BA, 02/12/2020.

SANTOS, Roberto Magno. *“Alagoinhas Jornal”: O comportamento da imprensa escrita no município de Alagoinhas durante o quadriênio (1960-1964)*. Orientador: José Jorge de Andrade Damasceno. 108 f. Monografia (Departamento de Educação) – UNEB, Campus II, Alagoinhas, 2003.

SOARES, E. R. A. *Os comunistas e a formação da esquerda (Alagoinhas, 1945-1956)*. Orientador: Carlos Zacarias F. de Sena Júnior. 155 f. Dissertação (Pós-Graduação em História Social) – UFBA, Salvador, 2013.